

Diversão & Arte

OS GARGALOS DO CINEMA CANDANGO

CINEASTAS BRASILIENSES APONTAM CAMINHOS PARA POTENCIALIZAR A PRODUÇÃO DEPOIS DA PREMIAÇÃO DE AINDA ESTOU AQUI, QUE GANHOU O PRIMEIRO OSCAR PARA O BRASIL



Bastidores do filme *A menor distância entre dois pontos*, filmado em Brasília

» RICARDO DAEHN

A Ponte JK, o Cine Brasília e o Espaço Cultural Renato Russo como cenários do longa-metragem *A menor distância entre dois pontos* dão a certeza ao diretor Elias Guerra: “Todo o filme de Brasília mostra alguma coisa impactante da capital, porque essa é uma característica nossa”. Há “honra” em filmar na cidade, pois “é um lugar que nasceu filmado pelos grandes nomes, nos anos de 1950 e 1960. Traz o horizonte bonito, um clima bom — com estabelecimento dos períodos de chuva. Traz boas características para filmagens. Na cidade, para onde você aponta a câmera, ela te entrega. Há ainda a riqueza de visões: temos o Plano Piloto e temos periferias, com perfis bem diferentes. Saímos um pouquinho do Quadrado, e no Entorno, temos os ambientes de cachoeira, o Cerrado, mais fechado — tudo muito bonito. É prazerosa a estética apresentada”, demarca o cineasta.

Claro, que, na empreitada das filmagens, Guerra batalhou, como no caso do quesito orçamentário. “Nós temos a via do FAC (Fundo de Apoio à Cultura), mas ele não tem crescido junto com a demanda. Vejo um medo mesmo do governo de ter a decisão de investir mais na cultura, talvez por não entenderem o quanto a cultura retorna, como mostram dados do Governo Federal. Audiovisual traz financeiro, não só na qualidade de vida da população. No meu set, temos umas 50 pessoas que recebem profissionalmente. Este filme não foi apoiado por dinheiro do GDF; temos com ele, o dinheiro do Fundo Setorial. Se a Secretaria de Cultura investisse em fazer pesquisas elaboradas, veriam do retorno financeiro. O governo não veste muito bem a camisa da cultura no DF. A gente é meio isolado nisso”, opina.

Pelo que nota o diretor, ainda há falta de interesse e anseio de apoiar cinema no DF. “Não adianta a gente pegar

bater palma para o *Ainda estou aqui*, que foi ótimo, aliás. O Brasil está virando essa chavinha, e não será que, nisso, não era hora de o DF estar à frente? O audiovisual em Goiás, por exemplo, está acontecendo!”, diz Guerra que quer ver mais bonitas histórias boas para “uma Brasília que merece ser vista”.

Com estilo autoral e a partir de peculiaridades da cultura local, a diretora a Catarina Accioly colocou Brasília no mapa internacional, dada a circulação de Rodas do gigante, documentário de “improviso poético” sobre a figura de Hugo Rodas. Personagem impar, Rodas movimentou o teatro latino-americano e especialmente o teatro do DF. Estreamos o filme, em 2023, na Mostra Brasília do Festival de Brasília e temos tido carreira incrível em festivais. Circulamos em mais de 70 festivais nacionais e internacionais, sendo que o volume muito maior foi em festivais internacionais. Ganhamos mais de 30 prêmios. Rodas foi impactante, irreverente e inspirador. Temas universais abrem mundo de diálogos, e, nisso levamos a marca da nossa cidade”, diz Accioly. Ela opina que a trajetória do cinema local é incrível, com expoentes e atenta à necessidade de se apostar em novos talentos para que não haja estagnação e defasagem. “O investimento no audiovisual deve prever sedimentação — é um setor que não está flutuante, e não deveria ser levado de acordo com o interesses de cada uma das gestões de governo”, diz, apostando no conceito de política de continuidade.

“Vejo as plataformas de fomento local para cinema com muita preocupação, porque, desde a pandemia, os editais perderam transparência. Nós não temos mais uma regularidade no fomento e os valores para produção de filmes (a etapa mais sensível) decresceram muito em relação a encarecimentos vindos com a inflação. Com R\$ 1,4 milhão produzi meu primeiro longa

Catarina Accioly

Cibele Amaral

Iberê Carvalho

Marcelo Díaz:
cineasta da capital

(de baixo orçamento), há 12 anos; atualmente, o patamar é de R\$ 2 milhões, e os mais recentes editais da Secretaria de Cultura (DF) estabeleceram valor de \$ 1,5 milhão!”, observa o diretor Iberê Carvalho, de *O último Cine Drive-In* e *O homem cordial*.

Entre estagnação e achatamento, ele aponta que o amadurecimento do setor depende da regularidade. Segundo ele, com longas-metragens se impulsiona um cinema local, como exemplifica, ao falar de Porto Alegre, Pernambuco. “O longa abre porta dos profissionais que se afirmam no mercado. Sem tempo hábil para viabilizar captação (de recursos), passado o desenvolvimento de roteiro (que leva muitos meses), pode acontecer de o tema não ser mais interessante, e, por vezes, nesta conjuntura, cinema vira hobby para privilegiados que, com emprego formal, fazem nas horas vagas ou férias! É preciso planejamento, para entrar em editais e buscar apoios de empresas privadas. Não podemos incorrer numa precarização de trabalho, junto ao audiovisual”, avalia o diretor.

Mistérios

Quanto à falta de transparência, segundo Iberê Carvalho, o fator se esparrama nos critérios de aprovação de editais ancorados por Lei Paulo Gustavo, Aldir Blanc e até mesmo do FAC. “Os relatórios de análise de projetos parecem piada, de simplórios. Parecem firmar meras etapas burocráticas”, sublinha. A adesão quantitativa de inscrições de projetos locais que galgam tomar parte do edital do FSA (nível nacional), num patamar de 90 projetos do DF expõem, segundo Iberê, “demanda e gargalo”. “É algo que não está sendo escoado, localmente. São indícios de uma cidade que está em crescimento e que quer fazer cinema. Falta estratégia e de política, a longo prazo. Na linha de apoio ao desenvolvimento de filmes (criação de roteiros e outros),

nós tivemos entre 15 e 20 projetos aprovados, em quatro editais seguidos, ao longo dos últimos quatro. Mas, daí, tivemos a produção efetiva de dois ou três destes longas, por edital. Qual foi a estratégia utilizada ao apoiar uma quantidade enorme de desenvolvimento de projetos sem pensar como viabilizar pelo menos uma parte considerável desses projetos?”, aponta.

O cenário global, por um lado, na visão do diretor Marcelo Díaz é positivo: experimentamos uma internacionalização dos produtos do DF, como nunca. “Estamos por toda parte, em festivais, plataformas, canais de tv, cinemas e festivais. Mas, há forte crise, por aqui. No meio das plataformas de streaming, há pouca abertura. Em particular, produtoras pequenas e médias, com seus projetos e serviços, ficam prejudicadas, diante das exposições dos produtos norte-americanos. Regular o streaming será a saída. Foi o caminho de sucesso da Coreia, que hoje é um estouro com seu audiovisual pelo mundo, sem contar da França e de outros países que valorizam seu audiovisual. A regulação é para já”, demarca Díaz.

Na esfera local, Díaz detecta pouquíssimo espaço, entre tevês e players, para projetos candangos. “O governo local, infelizmente, vive uma crise no campo da cultura, possivelmente, nunca antes experimentada. Acusação de corrupção em editais, em festas de fim de ano e eventos, os cortes ao FAC, que, inclusive, desrespeitam a legislação orçamentária local, além de um claro desinteresse do governador. Somos uma região com forte vocação para a cultura: nosso audiovisual circula o mundo! No campo federal, ainda esperamos uma atuação mais forte do governo. O audiovisual gera mais oportunidades de trabalho do que a construção civil. Já pensou se algum governo entenda isso e fique inspirado?”, provoca.